

Geografia, comunicação e cultura: a comunicação na desglobalização¹

Jakson Ferreira de Alencar²
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Resumo:

O artigo identifica, descreve e analisa tendências de reversão da globalização em aspectos tidos como inexoráveis há poucos anos e as relações dessas tendências com a comunicação, a geografia e a diversidade cultural. Verificam-se diversos indicativos empíricos e teóricos dessas reversões em efervescência na atualidade. As tecnologias da comunicação parecem atender todas as demandas, mas a comunicação não se reduz às tecnologias, as quais favorecem a transmissão e o conhecimento, mas não criam forçosamente comunicação, intercompreensão, pontos de vista comuns sobre o mundo nem a propalada homogeneidade mundial. Artigo baseado em pesquisa teórico-bibliográfica e análise de um *corpus* de informações da revista *The Economist* (2008-2012). Fundamenta-se, principalmente em Wolton (2006); Martín-Barbero (2012); Ghemawat (2012).

Palavras-chave: Desglobalização; Comunicação; Diversidade Cultural; Corporeidade; Geografia.

Introdução

A despeito do discurso sobre o fim da história e da geografia e do destino inexorável do mundo à globalização, com a dissolução das fronteiras, dos estados-nações, o triunfo da informação e da comunicação e, em decorrência, a uniformização cultural em uma aldeia global, assistimos atualmente a uma espécie de “efeito bumerangue”. A globalização, conforme concebida desde há alguns anos, e mais ainda o globalismo (açodamento, ufanismo e exageros em torno da questão), vem experimentando reversões evidentes.

A enorme quantidade de tecnologias de comunicação satisfaz, aparentemente, todas as demandas. Mas, a comunicação não se reduz às tecnologias. Por detrás desta aparente concordância, surge a heterogeneidade das relações geografia-cultura-comunicação. Ainda que o mundo pareça resumir-se ao triunfo da comunicação, se olharmos bem – diz-nos Dominique Wolton (2006) –, perceberemos a fragilidade desta nos dias de hoje. As facilidades de transmissão de informações e de acesso a elas favorecem o conhecimento, mas não criam forçosamente comunicação, coabitação, intercompreensão, pontos de vista comuns sobre o mundo.

Não se trata de negar as tecnologias de comunicação atuais ou a globalização, nem de defender o provincianismo ou localismo, fazendo uma leitura maniqueísta ou binária da

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica. E-mail: jfalencar@yahoo.com.br.

dialética entre globalização e desglobalização. Trata-se de compreender as inflexões dos processos entre corpo, cultura e comunicação no mundo de hoje, que parecem não confirmar tendências tidas como consensuais há alguns anos. A realidade está demonstrando uma complexidade bem maior que os prognósticos em torno de uma aldeia global anunciavam. A globalização e as forças transnacionais que a impulsionam permanecem, embora perdendo forças e certezas. Mas existem e ganham consistência tendências contrárias. A globalização não é a única tendência significativa nem tem conseguido subordinar as outras.

1. Desconfiar das certezas e lugares comuns

Muitos discursos e mesmo teorias sérias em torno da globalização a têm concebido como certeza inabalável. A partir da década de 1990 produziu-se uma “onda” em torno do tema e, desde então, são muitos os clichês, metáforas e lugares comuns a respeito. É muito frequente ouvirmos nos mais diferentes ambientes a expressão “no mundo globalizado em que vivemos”. Entretanto tem se ampliado o espaço para desconfiar dessas “certezas” que eram quase unânimes.

A pesquisa de doutorado em andamento da qual esse artigo decorre selecionou informações de um *corpus* de 376 matérias da revista inglesa *The economist* publicadas entre 2008 e 2012 com temáticas referentes a reversões nos processos globalitários, as quais foram submetidas a análise crítica, avaliação de sua consistência, coerência e validade, alcance e valor. Dentre estas 49 abordam diretamente a desglobalização e as demais abordam temas correlatos como queda no comércio internacional nos últimos anos e aumento da tendência ao protecionismo; permanência de laços territoriais-geográficos na comunicação; freada ou reversões ocorridas em algumas dimensões do neoliberalismo, tais como mais regulações das finanças, maior participação do Estado na economia, fortalecimento do Estado; e também estereotipização de povos, países e culturas diferentes; antagonismos e hostilidades entre países, mesmo os que compõem uniões internacionais tidas como as mais sólidas, tais como a União Europeia³. A revista inglesa, que sempre foi favorável à globalização, ao liberalismo e ao neoliberalismo econômicos, apresenta muitos dados sobre a reversão da globalização e argumentos sobre a atual necessidade de regular as finanças internacionais.

Por exemplo, em 19 de fevereiro de 2009, *The economist* publicou uma matéria muito expressiva sobre o tema: “Voltando as costas para o mundo – a integração da economia mundial está em recuo em quase todos os fronts” (THE ECONOMIST, 19 fev. 2009). A

³ Nos limites desse artigo, todos esses aspectos são evidentemente abordados de maneira sintética; bem como só é possível citar uma pequena parte das matérias que compõem o *corpus* da pesquisa.

matéria aborda a popularização do termo “desglobalização” criado pelo economista filipino Walden Bello⁴, citando-o entre os críticos do capitalismo que devem estar felizes com o fato. O texto questiona se de fato a globalização está acabando e aponta dados que a põe em cheque, como os problemas causados pela crise econômica iniciada em 2008, a qual reduziu o crescimento econômico mundial à metade. Embora, afirme que a desasseleração não signifique totalmente desglobalização, a matéria mostra que há problemas ou reversões nos principais *fronts* da globalização, além da queda no crescimento econômico mundial, na integração global dos movimentos de produção, capital e trabalho.

Com relação ao aumento da rejeição à globalização por parte de países ou de suas populações há na *The economist* significativa variedade de matérias. Por exemplo, em novembro de 2011, a edição voltada para as projeções do ano de 2012, continha uma matéria segundo a qual, os líderes de alguns países importantes estariam mais voltados para a política e a economia “em casa”, o que “augura mal para a globalização” (THE ECONOMIST, 17 nov. 2011). Não só a população ou o senso comum demonstra insatisfações com a globalização, mesmo nos países que sempre se beneficiaram mais dela. Vários economistas americanos bem conhecidos, incluindo Paul Krugman, professor na Universidade de Princeton e colunista de destaque no *The New York Times*; Alan Blinder, de Princeton e Larry Summers, um economista de Harvard e ex-secretário do Tesouro dos EUA, começaram a duvidar se o aumento da globalização é bom para o norte-americano de classe média. A matéria da *The economist* a respeito informa que eles todos sugerem que “ao invés de melhorar o padrão de vida dos americanos típicos, a integração global pode estar causando estagnação dos salários, ampliando a desigualdade e gerando maior insegurança econômica” (THE ECONOMIST, 25 set. 2008).

Em fevereiro de 2009 uma matéria fala da “Globalização: em marcha ré – a integração da economia mundial está em recuo”. Informa-se que “os investimentos estrangeiros diretos, uma via de transferência de tecnologia e habilidades” caíram 21% em 2008 e previa-se uma nova queda de 12 a 15% para 2009 (THE ECONOMIST, 20 fev. 2009). No final de dezembro de 2012, a revista inglesa publicou outra matéria muito significativa para o tema em questão: “Indo para trás, o mundo está menos conectado do que era em 2007”. O texto é sobre o índice DHL de conectividade Global. A DHL é uma empresa internacional que trabalha com logística de suprimentos e remessas rápidas internacionais; está presente em 220 países e territórios, o que a torna, a empresa mais internacional do mundo. Com base em sua atuação

⁴ Cujo livro encontra-se na bibliografia da pesquisa (*Desglobalização: ideias para uma nova economia mundial*. Petrópolis: Vozes, 2002).

em todos esses territórios a empresa elabora e divulga com regularidade seu índice de conectividade global. A matéria é sobre o índice mais recente, segundo o qual em 2012 o mundo está menos conectado que em 2007. O índice mede a “profundidade (ou seja, o quanto a economia está internacionalizada) e a largura (com quantos países cada país se conecta)”.

O economista indiano Pankaj Ghemawat, professor da escola de negócios Iese, de Barcelona, publicou um instigante livro sobre a temática, com ampla fundamentação em dados concretos, intitulado *World 3.0* (2012). Metade do livro é dedicada a desmontar as teses mais populares acerca da globalização. Sobretudo, ele faz contrapontos à tese de que a globalização é um fato consumado. Um dos autores mais criticados no livro é o jornalista norte-americano Thomas Friedman, autor do *best seller* de 4 milhões de exemplares vendidos no qual afirma que *O mundo é plano* e todas as barreiras foram destruídas pela tecnologia. Para Ghemawat isso não passa de “globaboseira” e existe, no máximo, um mundo “semiglobalizado”. Segundo ele, dizer que o mundo está “cada vez mais globalizado” é repetir um dos maiores lugares-comuns das últimas décadas.

A confrontação com dados empíricos atuais oferecidos por Ghemawat nos proporcionam, realmente, enfáticos questionamentos ao que se concebeu como globalização: 90% dos habitantes do planeta jamais deixaram o país em que nasceram; apenas 2% das ligações telefônicas são internacionais; somente 2% dos estudantes universitários estão em universidades fora de seu país; 95% das pessoas se informam pela mídia do próprio país; apenas 3% da população mundial vive fora das fronteiras de origem; menos de 1% das empresas norte-americanas têm operações fora dos EUA; as exportações mundiais correspondem a apenas 20% do PIB do planeta; o investimento estrangeiro direto (IED) responde por apenas 9% de todo o investimento fixo; menos de 20% do tráfego de internet ultrapassa as fronteiras nacionais(cf.: GHEMAWAT, 2012). Quase um quarto das empresas norte-americanas e européias encurtou suas cadeias de suprimento em 2008; bem como os níveis atuais de emigração empalidecem diante dos de um século atrás, quando 14% das pessoas de origem irlandesa e 10% dos noruegueses nativos tinham emigrado. Naquela época, não se precisava de visto. Hoje, o mundo gasta 88 bilhões de dólares por ano no processamento de documentos de viagem e, em 10% dos países do mundo, um passaporte custa mais do que 10% da renda média anual (Cf.: THE ECONOMIST, 20 abr. 2011).

2. A comunicação não se faz apenas de tecnologias

Paradoxalmente, temos um fluxo de informação intenso e acelerado circulando no mundo, desencadeado sobretudo a partir dos países centrais da economia mundial, com destaque para os Estados Unidos, e uma explosão de diferenças culturais não supressas e de resistências às tendências homogeneizadoras e globalizantes; reações e anticorpos endógenos ou processos identificatórios que tratam de ressaltar o próprio, o diferente (Ruiz-Gimenéz. In: GARRETÓN, 2002, p. 37). Há muitos fatos concretos que demonstram isso em todos os lugares, sendo muito eloquente, por exemplo, uma pesquisa realizada em 22 países, apresentada em matéria da *The economist*, a qual mostra que em todos esses países a audição de músicas locais aumentou enormemente quando a internet permitiu sua disseminação, bem como verifica-se uma proliferação de canais de música além da MTV, que possibilitam a difusão de estilos locais e mais variados (THE ECONOMIST, 25 jul. 2013). Ou seja, uma tecnologia que se imaginava que iria uniformizar a humanidade, foi tomada pelas diferenciações. Para Pierre-Warnier o verdadeiro problema ao qual as sociedades atuais confrontam-se não é a homogeneização das referências culturais, mas o de sua fragmentação e dispersão, entre grupos e formas que estão lado a lado e muitas vezes ignoram um ao outro, ou chegam a temer um ao outro. Ele também destaca a tendência atual em que mesmo os meios de comunicação da indústria cultural que se pretendiam totalizantes estão se fragmentando, o que favorece a fragmentação e a multiplicação de públicos (WARNIER, 2003, 151-152). A MTV, que se tornou global no pressuposto de que sons musicais como “A-lop-bop-a-doo-bop-a-lop-bam-boom” significava a mesma coisa em todas as línguas, agora inclui cinco chamadas de oração por dia em suas programações na Indonésia (THE ECONOMIST, 25 jul. 2013). No caso do Brasil, com o tempo a MTV incluiu o axé e a música sertaneja e, em 2013 encerrou suas atividades, algo inusitado para um canal que há alguns anos até mesmo estudiosos da comunicação acreditavam que arrasaria com as culturas musicais diferentes e havia se tornado “a alma barulhenta do mundo”, oferecendo “um retrato fasciante das rápidas mudanças que deram à televisão e à música ‘americanas’ o *domínio* [grifo nosso] do público em escala mundial” (BARBER, 2003, 141⁵).

A abertura ao mundo, a relação e a comunicação com ele não significa apagar toda e as ancoragens territoriais. Não é possível habitar no mundo sem corporeidade, o que acontece, na vida cotidiana, em alguma forma de territorialidade. O fato de as populações estarem inseridas em locais diferenciados marca profundamente seus processos comunicacionais. A

⁵ Esse livro contém um capítulo dedicado a analisar a MTV sob esse enfoque: *Televisão e MTV: a alma barulhenta do mundo*, p. 137-154.

corporeidade é a base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, características fundadoras da comunicação humana, “pois, mesmo atravessado pelas redes do global, o lugar segue feito do tecido das proximidades e das solidariedades.” (Martín-Barbero. In: MORAES, 2003, p. 59).

A imersão do corpo em um determinado local, apesar de toda a tecnologia, não pode ser abolida, assim como não há tecnologia que apague as existências de locais e singularidades diferenciadas. Embora se conceba que essa presença em locais diferentes seja hoje facilmente superada pelas tecnologias de comunicação e de transporte, a realidade não confirma isso. Basta que se volte a atenção para as barreiras fronteiriças que se reforçam e as novas que surgem. Por exemplo, o enorme muro erguido para separar a América Latina dos EUA e, além do muro, todos os aparatos tecnológicos em torno dele: que incluem três barreiras de contenção, iluminação de muito alta intensidade, detectores antipessoais de movimento, sensores eletrônicos e equipamentos de visão noturna entrelaçados com radiocomunicações com a polícia de fronteira dos Estados Unidos, bem como vigilância permanente com veículos e helicópteros artilhados. Ou seja, ao invés de se dissolver as fronteiras estão mais sólidas do que nunca. Esse talvez seja o exemplo mais forte do paradoxo da globalização, mas não é isolado, são inúmeros os exemplos que se poderia citar nesse sentido. Como sabemos, não se passa com o corpo de um lado para outro dessas fronteiras de maneira fácil e sem implicações. Um gigantesco muro de fronteira é a negação mais peremptória possível de que não há diferença entre estar de um lado ou de outro. São muitas as implicações políticas, econômicas, culturais e comunicacionais.

3. Geografia e comunicação atualmente

As tecnologias de comunicação são ferramentas, não fazem mágicas, dependem dos usos que se fazem delas e esses usos estão imbricados com as ancoragens territoriais. Há muitos aspectos e fatores inesperados quando ao que se imaginou que essas tecnologias fariam; as comunicações continuam tendo fortes elementos geográficos e com as concepções de mundo e ideologias ligadas a aspectos geográficos. Dentre as novas tecnologias da comunicação a internet e suas inúmeras possibilidades é a que mais tem aguçado a imaginação sobre a unificação do mundo pela comunicação, sobre a possibilidade de pessoas dos mais diferentes lugares se interconectarem, abolirem a presença física e coisas desse gênero. Entretanto a realidade vai se mostrando com variantes bem diferentes do que foi e é imaginado. Com tanta complexidade existente no mundo e nos usos das tecnologias e redes de comunicação é impossível controlar todas as variantes. *The economist* chega a afirmar em

uma de suas matérias a respeito, que a internet “está se tornando uma colcha de retalhos” (THE ECONOMIST, 20 abr. 2011), sucumbindo as regionalizações ou acomodações regionais e nacionais que co-existem dentro dos processos globalitários. Em outra matéria a revista indica que cada país tem sua própria internet: “Diferenças nacionais: o mundo é o que você faz dele – cada país tem sua própria internet” (Ibid., 27 out. 2012).

Além das diferenças locais, dentre as quais as de legislação e infraestrutura, as segmentações, diferenças e restrições não dependem apenas de leis e governos, são muito fortes as diferenças culturais, de preferências e de usos. Citando o antopólogo Danny Miller, da Universidade College Londres, uma matéria destaca que a *web* oferece “oportunidades sem precedentes para a homogeneização e a globalização”, mas também há “possibilidades de grande localização” (Ibid., 27 out. 2012). Mesmo para quem usa muito a internet e dispõe de aparelhos de última geração e alta velocidade de conexão, isso não quer dizer que interajam com todo o mundo. Conforme a matéria já citada acima, sobre pesquisas e estatísticas relativas a evidências de que o mundo não está assim tão globalizado quanto se pensa, informa, que menos de 20% do tráfego de internet ultrapassa as fronteiras nacionais (THE ECONOMIST, 20 abr. 2011). Bem como as pessoas estabelecem suas rotas costumarias e bem conhecidas nas redes ou mesmo fazem seus guetos, fragmentações, segmentações e levam para a rede as divisões, esteriótipos e preconceitos que vivem no mundo físico. É o que mostra outra matéria da revista inglesa, publicada em 2010: “E-comunicação e sociedade: casa-cibernética dividida – tanto on-line, quanto no mundo real, as pessoas se juntam em grupos suspeitam uns dos outros e em ambos os reinos, a pacificação é uma luta difícil” (Ibid, 2 set. 2010). Seja *on line*, seja *off line* as pessoas tendem a criar divisões e a ser lentas para estabelecer pontes entre essas divisões, como relatam as pesquisas abordadas na matéria. Em 2007 Danah Boyd, uma pesquisadora das mídias sociais da Microsoft Research New England (EUA), ouviu um adolescente branco de seu país descrever o MySpace, a rede social, como “gueto ou qualquer outra coisa assim”. Na época, o Facebook estava roubando membros do MySpace, mas a maioria das pessoas achava que era apenas uma moda, adolescentes cansados de alguma rede, como cansam de sapatos. Mas, depois de ouvir esse jovem, a Sra. Boyd percebeu que podia se tratar de algo mais que capricho. “Gueto” no discurso norte-americano sugere pobre, sem sofisticação e negro. Isso a ajudou a perceber que em sua vida *on line*, os adolescentes do país foram recriando o que sabiam do mundo físico: separação por classe e raça. Conforme a matéria (Ibid.), uma geração de ativistas digitais esperava que a *web* iria ligar grupos

separados no mundo físico. Iria transcender etnias, identificações sociais e fronteiras nacionais. Mas a pesquisa de Danah Boyd sugere que a internet não é tão radical.

A arquitetura do Facebook, segundo a mesma reportagem, torna mais fácil para os grupos permanecerem fechados. Por exemplo, o mecanismo sugere novos amigos usando um algoritmo que analisa os já existentes. Redes mais simples e mais abertas também permitem a auto-segregação. No Twitter, usuários podem optar por “seguir” alguém que eles gostam, e podem formar grupos por incorporação de palavras e frases mais curtas conhecidas como *hashtags* em suas mensagens. Martin Wattenberg e Fernanda Viégas, que pesquisam a exibição de informações em redes sociais, exploraram as dez *hashtags* mais populares do Twitter e descobriram que a maioria foi usada quase exclusivamente por autores negros ou brancos.

A reportagem relata também sobre uma página do Facebook, chamado “Peace on Facebook”, que visa diminuir por via dessa rede os conflitos mundiais, permitindo que pessoas de diferentes origens se conectem⁶. Essa página mantém um contador de conexões feitas a cada dia entre pessoas de lugares rivais. Por exemplo, esse indicador afirma que Israelenses e Palestinos fizeram cerca de quinze mil ligações no dia 25 de julho de 2010 (o dia mais recente disponível à elaboração da reportagem). De acordo com a matéria, essa informação é difícil de colocar em contexto. O Facebook não torna público o número total de amizades em todo o país. Mas Ethan Zuckerman, um blogueiro e ativista, usou dados independentes para estimar que esses *links* representam cerca de 1 a 2% do total combinado de amizades nas contas de israelenses e de palestinos. Usando o mesmo método para a Grécia e Turquia, a sua estimativa foi de 0,1%. Zuckerman afirma que a internet realmente serve para ampliar os laços mais dentro dos países que entre eles (THE ECONOMIST, 2 set. 2010).

Um outro aspecto da e-comunicação bastante inesperado há alguns anos é o fato de a geografia está interessando cada vez mais e de que as novas tecnologias da comunicação estão com uma tendência localizadora muito forte atualmente. Em outubro de 2012 a *The Economist* publicou um caderno especial com um conjunto de reportagens a esse respeito, mostrando a relação e os imbricamentos entre geografia, mundo físico e o mundo digital; o boom de serviços, informações e aplicativos voltados ao local, ao mundo físico e à presença das pessoas neles ao invés da abolição da ancoragem territorial; o interesse das empresas de internet, inclusive as gigantes, por se tornarem locais e localizadoras; o fato significativo de essas empresas e o que há de mais avançado nesse seguimento reunirem-se geograficamente em alguns locais, como é o caso do Vale do Silício, nos EUA e outros centros menores pelo

⁶ A matéria aqui abre parêntesis para dizer que o otimismo está contagiando e cita um dos fundadores do Twitter que recentemente teria descrito seu serviço como o “triumfo da humanidade”.

mundo. Esses fatos, segundo a revista deixa “alguma coisa no ar” sobre a importância atual da geografia.

Uma dessas matérias, que tem por título “Um sentido de lugar – a geografia importa mais do que nunca, apesar da revolução digital” (THE ECONOMIST, 27 out. 2012a), afirma que os relatos sobre o “fim da distância” e o “fim da geografia” (frase atribuída ao período a partir dos anos 1990) têm sido “muito exagerados” e tão convincentes quanto o “fim da história”. O texto recorda inclusive um outro caderno especial da própria revista, publicado em 1995, que abordava o fim da distância. Mesmo que as pessoas estejam conectadas com seus escritórios após saírem fisicamente deles e possam participar de videoconferências de forma tão realista que pareça estarem presentes na sala de reuniões, o conjunto de reportagens afirmam que as distâncias e a geografia não acabaram e que proximidade e presença física continuam sendo indispensáveis, o que, pelo menos por enquanto desacreditam as visões futuristas que acreditavam que as empresas poderiam ser geridas à distância e os trabalhadores exercerem suas funções sempre remotamente. Isso não está acontecendo nem mesmo nas empresas mais avançadas de tecnologia da comunicação. A matéria também contesta a visão que separa as esferas digital e física e os idealismos que imaginam a total independência da internet. Segundo o texto, as pessoas podem, em jogos *on-line*, ir com seus avatares lutar nas ruínas das mesmas cidades imaginárias, ou as mais pacíficas podem ir fazer agricultura virtual juntas sem sujar as mãos, mas o digital e o físico não ficam totalmente separados, o que se faz *on line* não fica só nessa esfera, os dois mundos se interpenetram, se moldam mutuamente e dependem um do outro. Esses “dois mundos” são cada vez mais interligados e complementares e não substitutos um do outro. Jogos digitais, armas desses jogos, e fazendas digitais, por exemplo, custam dinheiro real e o *Cyberbullying* é também *bullying*. Embora haja a tendência de manter as informações digitais cada vez mais nas “nuvens”, os servidores remotos que compõem a nuvem estão resolutamente nos limites da terra, com a sua localização escolhida principalmente por questões climáticas, infraestrutura existente e regime fiscal local (THE ECONOMIST, 27 out. 2012b).

Com as pessoas portando consigo poderosos computadores móveis, *smartphones* e *tablets*, as informações locais e localizadoras tornam-se mais valiosas, o que explica a competição por serviços de mapas, os mais diversos, e o crescimento exponencial da criação de representações *on line* do mundo físico. A quantidade de dados oferecidos sobre as cidades, lugares, edifícios monumentos, ruas podem permitir descobrir e encontrar coisas desconhecidas e favorecer novos olhares, como o também criam fronteiras, limites barreiras

on line para que se conheçam coisas diferentes. De forma semelhante ao que se falou acima sobre os ambientes de rede digitais que vão se fechando pelos caminhos rotineiros e pelas divisões da vida *off line*, acontece com relação aos dados oferecidos nos mapas digitais. As pessoas passam a voltar-se vez mais para as informações de seus dispositivos móveis conectados e a confiar mais neles para explorar o mundo físico, isso influencia ou podem até moldar a forma como se movem através deste. Ao invés de confrontar-se com o diferente, podem ter um mundo mais personalizado para si. Pesquisadores da Faculdade de Geografia da Universidade de Kentucky citados na reportagem (Ibid.), Matthew Zook, Mark Graham e Andrew Boulton, apontam para isso. Criam-se “bolhas de filtros” em que as pessoas são apresentadas apenas com ideias e opiniões que seu comportamento on-line passado sugere que eles são suscetíveis de concordar. Como eles fazem o seu caminho digital também no reino físico, algo semelhante pode acontecer neste.

4. Fronteiras geográficas e culturais

Os vínculos geopolíticos e comunicacionais imbricam-se, então, entre as fronteiras territoriais e as fronteiras culturais, de classes e de interesses econômicos e políticos. Diante dos fatos parece muito irreal crer que tais vínculos foram extintos ou estão em vias para isso. Os vínculos geopolíticos envolvem os mais diversos países, regiões e blocos internacionais e mesmo os jornais de bairro, rádios do interior e o simples usuário de internet diante de seu computador. A tecnologia facilita a transmissão de informações e contatos entre os mais diversos locais do mundo, mas não é possível ignorar as tensões e choques entre as diversas culturas, países e blocos e as reivindicações de respeito à alteridade. Bem como os meios de comunicações refletem seus vínculos territoriais, às vezes de maneira evidente, como no cinema de Hollywood, com as bandeirinhas e as ideologias dos EUA, ou de maneiras menos evidentes.

Até mesmo entre os órgãos de mídia de países mais próximos geograficamente, com mais vínculos e similitudes, como é o caso dos países na União Europeia, isso ocorre. Diversas matérias da *The economist* mostram isso. Por exemplo há várias que tratam da animosidade entre os ingleses e a união europeia, entre uns países e outros. Bem como as opiniões e imagens que as mídias dos diversos países que compõem a União Europeia veiculam sobre o bloco são diferentes. Por exemplo, uma das matérias mostra que a imprensa britânica costuma hostilizar a União Europeia. O texto questiona “o que explica a hostilidade feroz da imprensa britânica em relação à união europeia?” e argumenta que isso se dá em parte porque o “ceticismo real da máquina política britânica em relação à UE escorre para o

discurso público”. E também porque, segundo o texto, jornalistas “preguiçosos” teriam dificuldade de compreender a complexidade do bloco; os custos de suas regulamentações; a dificuldade de aplicar leis iguais para Estados diferentes, com economias, sistemas de mercado de trabalho e regimes ambientais diferentes; dificuldade de compreender os “arranjos constrangedores e soluções de custo-ineficaz” para aplicar essas leis em países diferentes e, quando necessário, colocá-las acima de normas nacionais vigentes; bem como de compreender a impossibilidade de mudar leis sem que todos os Estados-membros aprovem a mudança (THE ECONOMIST, 31 mar. 2010).

No jornalismo de economia, de política e relações internacionais não param de surgir notícias de que os protecionismos e barreiras internacionais estão aumentando e que o comércio internacional está sendo reduzido, ou que acordos internacionais, como os da OMC estão estagnados há décadas⁷. Os organismos e acordos internacionais têm funcionamento precário, pouco avançam. O FMI e o Banco Mundial são cada vez mais criticados e perdem legitimidade; os conflitos na OMC são cada vez mais visíveis e politizados. Ao mesmo tempo em que se fala de aldeia global, existe uma enorme dificuldade de reformar os organismos internacionais para que possam ser levadas em consideração as visões de mundo e vozes de outros países, para além do pequeno grupo habitual. Avolumam-se também insatisfações diversas com o sistema econômico neoliberal global, mesmo nos países ricos, nos quais se assiste atualmente a um exponencial aumento de insatisfação decorrente dos efeitos da atual crise econômica, a qual implodiu a crença de que o modelo norte-americano e o europeu seriam transportáveis linearmente a todos os lugares do mundo. Há tendências até a limitar o fluxo de capitais, o qual tem sido o aspecto mais ostensivo da globalização.

Certos tipos de barreiras e paradoxos fazem os enormes fluxos de comunicação tecnológica voltadas à globalização e à abertura ilimitada das fronteiras nacionais ficarem no mínimo ambíguos para as populações dos diversos países. Bem como as mensagens podem ser compreendidas e apropriadas de maneiras diferentes conforme a diversidade cultural e territorial. As populações dos diversos países recebem mensagens a respeito da abertura de fronteiras e quebras de barreiras, mas constataam a construção de muros de fronteiras, barreiras comerciais, xenofobia, criações de estereótipos ou deprecições de sua cultura, avalanche de comunicações que se voltam à homogeneização e padronização cultural, etc. Ao mesmo tempo que as produções da indústria cultural dos EUA procuram fomentar a afeição mundial

⁷ Sobretudo, afirma-se isso com relação às informações coletadas para o *corpus* da pesquisa mais ampla, da qual deriva este artigo. A pesquisa reúne informações das agências *The Economist* (<http://www.economist.com/>) e *Pátria Latina* (<http://www.patrialatina.com.br/>) entre setembro de 2008 e dezembro de 2012. Nesse artigo, em específico, não são citadas as partes da pesquisa referentes à agência *Pátria Latina*.

ao país, por exemplo, pela disseminação da cultura e a exibição de símbolos norte-americanos, o país promove guerras contra vários povos ou disputas comerciais e industriais nos quais os outros se sentem aviltados. Diante dessa ambiguidade, abertura ou fechamento, as populações percebem os paradoxos entre integração global e valorização do que é próprio e há uma efervescência de respostas contrárias à globalização em todo o planeta. Os ataques às torres gêmeas são apenas um dos exemplos mais drásticos e visíveis.

A globalização é fator de abertura, e imaginava-se que teria uma ação de estabilização mundial. Mas, ao contrário, temos visto as constantes destabilizações provocadas por ela. A conectividade intensa entre as diversas partes do mundo não o deixou mais estável, homogêneo e não o tornou um tabuleiro onde tudo possa ser previsto e determinado ou onde as informações possam circular linearmente sem serem alteradas, negadas, somadas a outras ou apropriadas de maneiras diferentes. No atual momento da história, verifica-se não só uma freada na abertura mundial, como também medidas de fechamento concebidas como solução para as crises. Os países que foram centrais no processo globalista estão descobrindo que os outros não pensam e não têm a mesma visão de mundo que eles e que o dizem de maneira cada vez mais alta e forte (WOLTON, 2005, p. 9).

Quanto mais informações em circulação, tanto mais o território e tudo o que está ligado à geografia física têm se tornado fundamental para interpretá-las, enfrentá-las e apropriar-se delas. Imaginava-se a geografia domesticada pela globalização econômica e pela comunicação, e ela volta em revanche, ilustrando cada vez mais os limites de uma ideologia modernista. Os países ricos falavam em fim da geografia porque até agora apenas se beneficiavam desse processo. Contudo, a atual crise está mostrando um outro lado.

O diferente que se pretendia padronizar passa a ser visto como ameaça, da mesma forma que a força homogeneizadora tende a ser vista como ameaça pelas culturas diferentes. Quando o outro é ameaça, quando tudo é aberto, cada um fecha-se nas próprias certezas e seguranças. Ampliam-se, assim, os isolamentos causados pela globalização: o isolamento dos excluídos dos mercados e dos que não têm acesso às tecnologias da comunicação e, o mais curioso, o isolamento dos que têm muito acesso a tudo isso, mas se fecham aos outros. Os países mais desenvolvidos pregam a abertura, mas fecham as fronteiras aos imigrantes, o que acontece também com relações às suas vantagens e barreiras no comércio internacional.

De origem norte americana, os canais de informação 24 horas, como a CNN, surgidos de 1980 em diante, não garantiram melhor compreensão do mundo; ao contrário, reforçaram um ponto de vista norte-americano, acentuando por fim um antiocidentalismo e antiamericanismo que visavam reduzir. A globalização da informação e da economia, de tanto

negar as diferenças culturais, reforça a contestação (WOLTON, 2005). Quanto à comunicação global, os últimos 30 anos simplesmente consistiram em valorizar a transmissão das informações e das mensagens. Chegamos agora às questões da comunicação como reciprocidade.

Conclusão

Embora as novas tecnologias possibilitem muitas novas possibilidades de comunicação e aumentem a conectividade entre partes muito amplas e crescentes do mundo, isso não quer dizer que as diferenças e as fronteiras deixaram ou deixarão de existir. Bem como não é possível ignorar as tensões e choques entre as diversas culturas e territórios e a reivindicação de reconhecimento de alteridades, de formas diferentes de internacionalização e de relações entre culturas que não se enquadram no que se imaginou e teorizou sobre globalização. Na “onda” de ufanismo futuroológico pelo globalismo tendia-se a confundir comunicação com tecnologias e, como temos uma abundância de tecnologias que nos conectam e permitem circulação de mensagens por grande parte do mundo se imaginava a dissolução total das barreiras, diferenças e das territorialidade e a completa abstração das corporeidades e da geografia, mas a comunicação é mais complexa do que isso e não acontece de forma linear. As resistências endógenas à homogeneização são mais fortes que as tecnologias e as forças de padronização e estão comunicando isso de maneira cada vez mais intensa (WOLTON, 2006, p. 9). Relacionando essa realidade com o conceito de determinação em Williams (1979, p. 87-92) percebe-se que de fato as tecnologias têm força de determinação enquanto exercem pressões e as favorecem e estabelecem limites, influenciam comportamentos e modos de ser. Mas isso não significa determinismo no qual se possa definir tudo exata e linearmente como imaginado e planejado. Até mesmo no curso de movimentos de integração e homogeneização surgem fragmentações e contradições. As tecnologias e as forças globalizantes ao encontrarem outras formas de vida e serem apropriadas por elas, constituem diversidades emergentes que somam-se a aspectos das culturas tradicionais que permanecem. A crise atual mostra de maneira muito clara que a história e a geografia não acabaram e que o mundo não é plano, como se havia imaginado. O mundo e humanidade continuam sendo, como no passado, uma máquina de fabricar diferenças, clivagens, singularidades, particularidades, formas de falar, de morar, frações políticas, étnicas, ideológicas, religiosas, econômicas (cf. WARNIER, 2003, p 166).

REFERÊNCIAS

- BARBER, Benjamin. **Jihad X McMundo**: como o globalismo e o tribalismo estão transformando o mundo. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BELLO, Waden. **Desglobalização**: ideias para uma nova economia mundial. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GARRETÓN, Manuel Antonio (Org.). **America Latina**: un espacio cultural en el mundo globalizado. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. La globalización en clave cultural: una mirada latinoamericana. In: COLLOQUE INTERNATIONAL GLOBALISME ET PLURALISME, 2002, Montréal. *Actes..* Montréal: Université du Québec, 2002. Disponível em: <<http://www.er.uqam.ca/nobel/gricis/actes/bogues/Barbero.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2012.
- _____. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MORAES, Denis (Org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Bauru: Edusc, 2003
- WILLIAMS, R.. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

Matérias da *The Economist*

- THE ECONOMIST. **Capital bonanzas**: Does Wall Street's meltdown show financial globalisation itself is part of the problem?. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/12304702?zid=293&ah=e50f636873b42369614615ba3c16df4a>>. Publicado em: 25 set. 2008.
- _____. **Globalisation**: Turning their backs on the world. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/13145370>>. Publicado em: 19 fev. 2009.
- _____. **Globalisation**: A backwards march - The integration of the world economy is in retreat. Disponível em: <http://www.economist.com/node/13167597>>. Publicado em: 20 fev. 2009.
- _____. **Open Europe**: the Eurosceptic group that controls British coverage of the EU. Disponível em: <http://www.economist.com/blogs/charlemagne/2010/03/spoon_feeding_lazy_journalists>. Publicado em: 31 mar. 2010.
- _____. **E-communication and society**: A cyber-house divided - Online as much as in the real world, people bunch together in mutually suspicious groups—and in both realms, peacemaking is an uphill struggle. <<http://www.economist.com/node/16943885?zid=305&ah=417bd5664dc76da5d98af4f7a640fd8a>>. Publicado em: 2 set. 2010.
- _____. **The case against globaloney**: At last, some sense on globalization. Disponível em:

<<http://www.economist.com/node/18584204?zid=293&ah=e50f636873b42369614615ba3c16df4a>>. Publicado em: 20 abr. 2011.

_____. **Hey, there's still a world to run:** Global leaders will be preoccupied by politics at home. That augurs ill for globalisation. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/21537036>>. Publicado em: 17 nov. 2011.

_____. **A sense of place:** Geography matters as much as ever, despite the digital revolution, says Patrick Lane. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/special-report/21565007-geography-matters-much-ever-despite-digital-revolution-says-patrick-lane>>. Publicado em: 27 out. 2012a.

_____. **National differences:** The world is what you make it - Every country has its own internet. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/special-report/21565002-every-country-has-its-own-internet-world-what-you-make-it>>. Publicado em: 27 out. 2012b.

_____. **Life off- and online:** The new local - The physical and the digital world are becoming increasingly intertwined. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/special-report/21564992-physical-and-digital-world-are-becoming-increasingly-intertwined-new-local>>. Publicado em: 27 out. 2012c.

_____. **Cultural protectionism:** Face the music. Disponível em: <<http://www.economist.com/blogs/freeexchange/2013/07/cultural-protectionism?zid=293&ah=e50f636873b42369614615ba3c16df4a>>. Publicado em: 25 jul. 2013.